

C L U B e D O S
URSOS
MOA SIPRIANO



MOASIPRIANO.COM

CLUBE DOS URSOS

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

Naquela tarde amarela de uma terça-feira monótona, capturado na melodia etérea de Elisabeth Fraser que aliciava meu vazio pela enésima vez, eu lustrava com um pano seco e macio o corpo plúmbeo da minha Canon, a guerreira, eliminando marcas gordurosas e poeira e demais resquícios da última sessão de fotos que fiz para minha irmã, ao retratar a peste do meu sobrinho no seu sétimo aniversário.

Em se tratando de fotografia, não suporto clicar gente. Meu negócio é sentir o controle total sobre minhas luzes e sombras a destacar máquinas de sonhos dos marmanjos que nadam em notas de cem.

Amo documentar automóveis em arte!

* * *

O telefone tocou por volta das quatro. Sem pressa, após o quinto bimbim, debrucei minha voia no sofá de modo a alcançar o aparelho ancestral.

Trinta e nove minutos depois eu já conferia todo o conteúdo da minha mochila. Um novo trabalho estava à minha espera. Coisas de última hora. Típico.

Como era praticamente um favor prestado a um amigo, não alimentei importância ao contratempo. Eu precisava partir naquela noite.

* * *

Dezoito minutos antes do embarque, eu perambulava calmo e aéreo pela rodoviária de Lovland. Deslizando passos curtos, quase zombeteiros, avancei até o guichê número três, paguei com nota alta, recebi minha passagem, conferei o troco, dei meia-volta e retribui um sorriso cansado para o rapaz do guichê número cinco, que me encarava com terceiras intenções, mais uma vez.

Entrei no Pássaro de Prata e caminhei indiferente até a Poltrona 47, meu lugar cativo. Depositei a mochila de lona no bagageiro superior, acomodando em seguida o meu corpo lesmódico no couro vermelho, convidativo, sensual. Joguei o tempo fora, apreciando o embarque dos demais desalmados.

Assim que partimos, ganhando as ruas de asfalto perfeito da minha idolatrada ilha, mentalizei a criação do que me aguardava ao sul de Pomeroh, a terra dos escritores.

Fui escalado para documentar uma exposição de Arte Contemporânea, belos frutos da polêmica criatividade de Dimitri e Carlson, um casal gay muito conhecido, influente e respeitado naquelas bandas.

Estranhei o fato de um evento de arte ter sido marcado para as oito e meia da manhã do dia seguinte. Porém, sigo categórico a minha filosofia de trabalho: Jamais questionar as excentricidades dos meus clientes.

Chego ao local combinado, cumpro minhas obrigações com discrição, maestria e perfeição; entrego o material impecável no prazo estipulado e saio com meu polpudo cheque dentro da carteira surrada.

Minha vida é... simples assim!

Enquanto eu buscava Curt Smith no iPod, elevei uma prece sei lá eu para quem, agradecendo a bênção de não ser obrigado a clicar individualmente os restritos convidados (isso era trabalho para um estreante fotógrafo local); apenas o registro das obras a embasbacar os humanos fazia parte do combinado.

Duas ou três paradas estavam programadas para aquela viagem. Eu levaria não mais do que duas horas para chegar ao centro de Pomeroh.

O Pássaro de Prata deixou a ilha oito e sete da noite. Eu esperava que Henrich cumprisse as ordens, me aguardando no outro terminal, conforme eu e Dimitri havíamos acertado pelo telefone.

Henrich, assistente puxa-saco do meu amigo Dimitri, era mestre em “esquecimentos” perante aqueles em que não nutria nenhuma afinidade. Eu seria ignorado, com toda certeza. Não compreendo a antipatia que ele sente por minha patética pessoa. O motivo seria a minha total falta de vontade de comer aquele rabo sem bunda?

* * *

A noite seguia seu curso chatorial. Estrelas piscavam frenéticas no manto negro, impreciso. Não vi o pedaço da lua crescente, mas sentia sua presença. Adormeci.

De uns tempos pra cá, quando entro em qualquer coisa sobre rodas, não consigo controlar a quase imediata sonolência. Acordei com um amarelo foco de luz a queimar meus pesadelos assim que atingirmos a primeira parada. A cabeça latejava pelo mau jeito que meu corpo entorpecera, amarfanhado na poltrona.

Abri os olhos contra vontade. Imaginei ter ouvido um grupo disforme discutindo no interior do ônibus. Levantei com certa dificuldade e caminhei até o universo barulhento, ignorando por completo outros passageiros espantados nos arredores da minha mente caduca: um comportamento típico da minha personalidade esquisita.

Confuso, eu não encontrava respostas para saber como capotei num transe tão pesado. Eu nunca havia dormido pra valer em viagens tão curtas. Notei algo estranho ao desembarcar. Eu já havia feito dezenas de vezes aquele mesmo itinerário e aquele não era o local costumeiro de uma parada programada.

No lugar do elegante e confortável Giant, aquilo mais parecia um posto de gasolina tamanho medonho, com bombas da Shell espalhadas em duas fileiras porcamente iluminadas por traços imperfeitos de luz fluorescente.

Escondida no meio do nada, acredito que só eu avistei uma casinha tosca pintada de algo que um dia fora branco. Conclui ser uma espécie de lanchonete do Parque dos Horrores.

Vi caminhões de variados tipos e tamanhos estacionados diante da lanchucrute. Nada de Giant? Tenho certeza que o mesmo tom de espanto perpassou as cabeças dos demais passageiros, pois quase todos cercavam o motorista, exigindo explicações.

Ao chegar mais próximo da medonha balbúrdia, engoli as desculpas imprecisas do coitado condutor:

“Será necessária uma troca de carros...”, disse, com voz firme, o comestível Bigode Baixinho.

“Por favor, queiram retirar suas bagagens e pertences do interior do veículo. Dentro de pouco tempo chegará outro...”

O coitado do motorista nem conseguia reformular a decorada frase falha de emergência. Ele era sumariamente cortado pelos Insensíveis.

Não gosto de tumultos. Percebi que no meio daquele protesto improvisado havia o famoso encenqueiro de ocasião: um homem com pinta de “mamãe, eu queria tanto ser Advogado”, banhas vertendo óleo debaixo de um terno surrado, o tecido gasto nos cotovelos, que exigia explicações mais detalhadas do infortúnio causado pelo problema mecânico do nosso transporte medieval. O motorista deixou o idiota tagarelado enquanto balbuciava, via rádio, com a Nave Mamãe.

Entrei no Pássaro de Prata, pequei minha companheira de viagens, certificando-me que tudo estava em ordem e saí o mais rápido possível, afastando minha fragilidade para bem longe daquela tchonguice desnecessária entre gatos pingados, ignorantes, abatidos.

Calculei que haveria bom tempo disponível para mimar o velho Ócio. Minha garganta começava a implorar por sua dose diária de Coca-Cola congelada.

Privado de melhor opção, resolvi investigar a lanchonete scooby-doo que deveria servir de esconderijo para malvados e sanguinolentos caminheiros carrancudos, desencarnados. Por que só eu detinha a coragem de invadir aquele território?

* * *

Ao invadir o recinto parcamente iluminado, recebi as boas-vindas de uma nuvem de Marlboro que aderiu ao meu corpo, enevoando meus instintos.

Diante daquele aroma terrível, quase veio ao mundo o resto do lanche da tarde que ainda fermentava no meu estômago. Tapei a boca num movimento involuntário e segui até o balcão para tentar a compra do meu veneno precioso.

Um ser sombrio, vestindo uma pirateada camisa verde-amarela da Seleção Brasileira de Voleibol, me encarou de imediato. Percebi pelo seu olhar opaco que era alguém de poucas palavras gentis e muita atitude troglodita.

Não consegui definir-lhe o sexo: peitos enormes, buço proeminente, braços que certamente esmagariam meu corpo num abraço nada cordial e sobancelhas unidas que mais pareciam uma taturana entupida de anabolizantes a proteger olhos cinzentos, realmente assustadores.

Pedi meu refrigerante e fui prontamente atendido. Ganhei como brinde uma tremenda frieza e um quarto de sorriso de escárnio. O vício congelante lavou minha alma.

Após satisfazer minha fresca necessidade, tentei “apreciar” com ânimo renovado os atores ocultos daquele palco abandonado na primeira dimensão abaixo do Zero Absoluto. No fundo do salão, os machos jogavam baralho numa mesa prestes a perder o senso de equilíbrio. Notei que eram Caminheiros versus seus respectivos Auxiliares. Divertiam-se num jogo barulhento, cheio de sinais e malícias que não tive tempo, nem saco, de compreender.

Outros dois sujeitos me encaravam com revoltante determinação. Um deles era alto e muito forte, quase uma porta maciça feita de músculos e gorduras muito bem localizadas. Inúmeros pelos loiros acinzentados no peito saltavam do “V” da camisa verde-soldado, desabotoada.

O outro era um pouco mais baixo, pele bem tostada pela vida complicada, dono de uma barriga proeminente e uma barba desalinhada, que me causou pungente desprezo.

Notei putaria no olhar de ambos. Algo estava para acontecer. Um cochichou no cangote do outro. O sorriso malicioso surgiu no rosto do Barriga. Ele veio – pra lá de decidido! – na minha direção.

“Perdido no fim do mundo?”, cantarolou Barriga, envolto num riso sarcástico.

Captei um treco dourado dançando na ponta da sua barba grisalha, enquanto ele – sem autorização – fazia voltas com o dedo indicador nos pelos que despontavam no “U” da minha camiseta Hering.

“Houve um problema mecânico com meu ônibus. Pelo que entendi, acho que vão trocar de veículo”, respondi, seco.

Meu olhar não desgrudava da joia reluzente dançando na sujeira aparente daquela fábrica de pelos desgrenhados.

“Eu fiz uma aposta com meu parceiro ali...”, disse Barriga, aproximando seu hálito absinto do meu rosto descorado.

“Ele acha que você não aguenta o instrumento dele inteiro na sua boca”, a mistura de excitação e medo ao ouvir tamanha audácia quase travou meu coração.

“Diga ao seu amigo que eu só transo com homens... de verdade!”, fulminei meu pretendente do outro lado com um olhar incapaz de convencer ninguém.

“Não estou interessado em qualquer coisa que possa existir debaixo daquele jeans imundo”, aponte o oponente, distribuindo meu olhar mais nefasto.

“Hum, sendo assim, então... sou eu a te possuir, combinado?”, cacarejou Barriga, visivelmente excitado, acariciando o membro que latejava atrás do trapo de pano que lhe cobria as partes baixas dos férreos músculos pelúricos.

“Pois eu sou um homem de verdade e posso fazer você urrar de prazer ou dor quantas vezes eu quiser”, Barriga bradou, enquanto alisava suas bolas metálicas.

Disfarcei minha atenção no resto de Coca-Cola quente que ainda existia na garrafa, desprezando assim o sujeito que me causava nojo e inquietação.

Joguei uma nota de cinco sobre o balcão, apanhei minha mochila entre meus pés e meu lazarento instinto sexual arrastou-me ao banheiro, encontrando sem dificuldade nas laterais do vapor nicotinoso.

Pra variar, o local era imundo, emanando urina milenar.

Desaguei o que devia no vaso sanitário esverdeado.

Ouvi um barulho de porta sendo aberta. Eu não estava mais sozinho.

Barriga e seu comparsa entraram juntos. O Porta ficou na porta, impedindo a minha retirada estratégica daquele cubículo.

“A gente quer você!”, senti o gasolínico hálito agora azedo do meu admirador pontiagudo.

“A questão é que talvez eu não queira nem ele, nem voc...”, sua boca invadiu a minha, impedindo-me de liquidar o jogo de máscaras.

Senti uma língua babosa me possuindo, enquanto mãos estúpidas estapeavam com força todas as minhas nádegas indefesas.

Barriga virou-me violentamente e meu semblante cadavérico encontrou a frieza dos azulejos azuis daquele recinto fétido. O sexo volumoso brigava com a pança enorme pelo direito de abocanhar o meu traseiro assustado. Virei o rosto em direção à saída. Porta se deliciava com a cena, massageando por sobre o jeans gasto aquele seu incrível instrumento de arregaçar poços artesianos.

Não sei por quanto tempo ficamos naquela esfregação.

De repente, Barriga se afastou do meu corpo, mas permaneceu segurando com firmeza um dos meus braços.

“Venha, rapaz”, ele disse, quase que num grito, transpirando em bicas.

“Vamos mostrar ao Escolhido o que é uma foda de responsa!”, notei o brilho do pecado em seu olhar catatônico, quando consegui virar meu esqueleto de frente àquele que desejava me arruinar.

Fui bridado com um sorriso malicioso do Porta, que não parava de ajeitar seu sexo indomado por dentro da calça em fim de carreira.

Barriga e Porta trocaram um sinal visual e uma senha fonética, ambas incompreensíveis para mim. Porta abriu a porta, deixando a passagem livre para todos nós. Segurando minha mão sem nenhum constrangimento, quase a esmigalhar meus dedos chocados, Barriga e eu desfilamos no apertado e fedorento salão. Uma nova troca de olhares e sinais foi depositada no ar, agora na direção dos caras que jogavam baralho.

Assustadoramente submissos, todos se levantaram em perfeita sincronia, seguindo em fila indiana para outro vão nos noturnos secretos daquela espelunca.

O extraterrestre que cuidava do balcão gargalhava, entrecortando versos de Jean Genet. Notei em sua fuça que a festa estava só começando, onde os canibais aguardavam a chegada da carne fresca, já salgada no ponto exato para ser chamuscada nos pelos do inferno-montparnasse.

Adentramos numa esticada sala vertical, iluminada somente com uma fonte de luz vermelho-alaranjada. Havia uma descomunal mesa baixa ao centro. Um rapaz gordinho estava sentado num banco de madeira ao lado do móvel rústico. Seu olhar temeroso e submisso evitava a todo custo o meu olhar surpreso, espantado, vidrado.

Na minha direita senti outra sala, muito bem iluminada, e ouvi som de água corrente. Nesse momento, Porta havia retornado, estampando um sorriso de filhadaputa satisfação. Chegou seu rosto transparente próximo ao meu, cinábrio, e seu hálito de alcatrão cuspiu em meu ouvido esquerdo:

“Agora ficaremos a noite toda no prazer, meu querido, pois seu segundo ônibus – ele ria, eu tremia – o último veículo que certamente rondaria paralelo ao nosso clube, já partiu.”

Eu odeio que me chamem de “querido”. Expressão falsa do caralho.

* * *

Uma mistura bem balanceada de pânico, satisfação e alívio trespassou minha mente. Barriga, vidrado, abraçou minha inquietação e sussurrou num alemão truncado e defeituoso, agora para as asas quebradas da minha alma, algo mais ou menos assim:

“Ele disse que você não estava passando bem e que nós levaríamos o Dodói num posto médico próximo daqui... mas a porra do posto mágico é aqui mesmo! HA, HA, HA!”

Os dois trocaram nova sequência de sinais adolescentes só com um olhar. Aquilo deveria ser comum entre eles.

Eu não encontrava parâmetro para questionar aquele teatro surreal. Travei minha razão e deixei meu corpo faminto e minhas baixas sensações assumirem o cenário embebido em medo, magia e luxúria.

Num ritual muito bem ensaiado, Barriga e Porta afastaram-se de mim.

Com sinais feitos com as mãos estampando dedos graxudos, prontamente dois ursos mastodontes ficaram ao meu lado, agarrando meus braços, conduzindo-me para a sala da água corrente... elétrica!

Enfiaram-me debaixo de um potente chuveiro, onde um jato de águantarctica acima do limite tolerável asfixiara de vez Dona Razão, preparando meu perispírito para o abate cerimonial.

Mãos peludas e pesadas, sem um pingo de sensibilidade, massageavam meus orifícios com uma pedra de sabão azul. Logo eu estava envolvido por uma espessa camada de paupérrima espuma corrosiva.

Dez dedos ágeis beliscavam minhas coxas e subiam a tortura na direção do meu peito cabeludo, passando rapidamente os devidos choques através das minhas costas lisas, terminando as ações agressivas na minha cabeça magnetizada, ensaboando com estupidez todos os meus ralos cabelos eriçados.

Um novo jato de água levou embora aquela espuma branca, tingida de carmim. A dor e o assombro me fizeram compreender e aceitar meu alinhavado desafio.

Eu era renascido, preparado para o sacrifício no evento anual dos lenhadores embrutecidos. Desvendi que eu deveria ser consumido por todos na outra sala, naquela noite sem fim, só recomeços.

Meu corpo, repleto de hematomas, não foi enxugado.

Encharcado, frio e fumegante, exalando sensualidade e temores, fui conduzido como uma virgem medieval a flutuar direto para o altar.

* * *

A visão que preencheu minhas retinas incrédulas não poderia ser mais excitante. Fiquei desvairado ao confirmar treze machos nus. Uma celestial muralha de pelos e músculos e coxas e barrigas rígidas rodeava a grosseira mesa de arruinada madeira escura.

Os dois homens que me banharam, numa sincronia absurda, elevaram meu corpo leve, depositando minha incredulidade sobre o tampo de cortes imprecisos.

Enfim, era muito bem servido o prato principal.

Uma nuvem espessa de nicotina e alcatrão proporcionava um toque lúdico ao local. Oito homens estavam estrategicamente espalhados em volta do altar de madeira maciça. Os dois que prepararam meu corpo juntaram-se a nós. Os carneiros ao redor da churrasqueira trajavam somente meias brancas e reluzentes botinas escuras, sendo a maioria pretas.

Nus em prata, Barriga e Porta ficaram como que guardiões da entrada, assistindo de um ângulo privilegiado o Grande Espetáculo Pelúnico.

Ao comando grunhido por um urso mais velho que estava bolinando meus pés, mãos truculentas começaram a acariciar todo meu corpo eletrificado, menos meu sexo acabrunhado.

Gemidos beijavam Dom Fanatismo. Palavras roufenhas em alemão e italiano, impossíveis de ser traduzidas, eram proferidas em decibéis histriônicos. Mantras excitados misturavam-se no ar purgatório.

O ursinho que eu havia visto tomando conta do palanque assim que entrei, encontrava-se rente ao meu mamilo esquerdo, acariciando meus cabelos desgrenhados e secando o suor do meu rosto com um tecido amarelo, embebido em algo oleoso, onde o fedor lembrava um querosene cítrico.

Era um guri insosso, com não mais de dezenove, máximo vinte. Notei em seus lábios um desejo quase insano de velcrar aos meus. Permitted o beijo romântico, fora de esquadro. Sua boca delicada preencheu meu último entalhe vazio.

O chefe dos ursos, aquele que aparentava ser o mais velho e o mais sábio, subiu na imponente mesa baixa, engatinhando aos trancos até encostar seu saco no meu sexo. Ele esfregou suas bolas espinhentas sobre meu pau rugoso, onde as duas pareciam beijar-lhe a base, o corpo e a cabeça, numa coreografia amadora a comemorar a boa colheita.

Os outros peludos continuavam a acariciar suas bolsas com uma das mãos, enquanto com a outra balançavam seus caralhos em movimentos impolidos, descompassados.

Chefe dos Ursos engoliu meu sexo, apertando com força meus bagos, endurecendo ainda mais o membro ativo que finalmente explodia em sua esplêndida rigidez. O ritual continuava, entre urros e delírios neandertais de uma turba alucinada.

De repente, várias bocas avançaram rumo ao frescor da minha carne inflamada. Línguas e dentes e saliva fumosas percorriam toda extensão do meu ser.

Ursinho virava minha cabeça com um intenso carinho isento de contexto, buscando novamente minha boca seca, sufocando-me com seus beijos delirantes, imprecisos.

Presumi que aquela era a sua especialidade, pois jamais eu havia experimentado um beijo tão carente, repleto de citações novelísticas.

Sob um estalar de dedos, meu espanto foi rodopiado por muitas mãos.

Urso Velho puxou-me pela cintura. Eu fiquei de quatro, rígido, na expectativa de um novo comando. Ele rapidamente entrou em mim com sua língua prática, sem rodeios, apenas estocadas violentas em linha reta, onde sua viga superior mordida e chupava e perfurava meu cu de raras pregas.

Todos apreciavam a cena, apatetados com a destreza do mestre, socando com mais força seus membros para cima e para baixo, às vezes do lado. Pude notar que Barriga e Porta também manipulavam suas vigas bem expostas, encantados com a reprise do capítulo invernal.

Enquanto Troglodita Pelúnico me possuía com a boca, ninguém ousou chegar perto de mim. Todos babavam a uma respeitosa distância.

Ursinho saiu do seu posto, abrindo uma embalagem de preservativo, aderindo – com a boca – a borracha com maestria no cacete arrogante do seu dono majestoso.

Fui perfurado sem piedade, em uma única investida.

A dor pungente misturava-se ao prazer tão aguardado. Urso Velho urrava e me varava. E todos assistiam calados, gemidos ocultos, vidrados com o desempenho do Pelo Comandante.

Quando meu anjo da guarda finalmente se suicidou, entrei no clima do jogo. Comecei a gritar e a gemer com aquele velho a comandar meus rebolados sensacionalistas. Quanto mais eu berrava, mais ele me empalava. O suor dos nossos pelos selava de vez a total união. Não demorou muito tempo para eu sentir a demência do seu jorro a invadir meus domínios esfarelados.

Enquanto gozava, ele surrava as minhas nádegas com suas mãos calejadas, típicas de um anônimo trabalhador braçal. Eu mordida seu caralho com meu cu metamorfoseado em piranha assassina. Essa era a *minha* especialidade.

Pirata Peludo abandonou meus flancos. Saltou da mesa empastada para o chão poeirento. Tirou o preservativo cheio da essência, jogando-o num canto escuro não identificado. Ele escarrapachou sua vitória no chão des-

casgado, ao lado de Barriga e Porta. Um novo estalar de dedos indicava que a audiência poderia terminar o serviço.

Meu corpo foi esmagado com precisa violência sobre a madeira escorregadia. Varas açoitavam minhas faces, procurando lugar privilegiado na minha boca boquiaberta. Vigas riscavam meu rabo incandescente, abrindo o portal para um deleite coletivo.

Fui penetrado, chupado, mordido, acariciado e idolatrado centenas de vezes. Num rodízio infinito, cada um invadia meu espaço à sua maneira, sem roteiros, sem frescuras, sem rodeios. Estocadas leves e carinhosas eram invertidas a todo o momento por outras mais selvagens, vigorosas, ignorantes. Caralhos imprudentes davam lugar a cacetes esforçados. Eu assumia posições inimagináveis diante daqueles Pelos Templários. Três ou quatro sexos simultâneos disputavam todos os orifícios do meu perispírito, enquanto bocarras peludas, línguas lixantes, salivas corrosivas, unhas enegrecidas e golpes estúpidos moldavam a nova geografia da minha carne pecadora.

Enlouqueci. Saí de mim. Entrei no vigésimo quarto transe. Fui possuído de todas as maneiras fisicamente impossíveis. Na minha cabeça estropiada, horas se misturavam aos dias que passavam em minutos. Suores, pelos e odores fodiam-se na fumaça das cervejas, cachaças e cigarros vencidos. Apesar da exaustão, eu queria mais. Podia mais. Resistiria muito mais.

* * *

Um terceiro estalo de dedos.

O chefe dos ursos levantou-se do chão e bailou até nosso círculo pentadiagramado. Todos pararam de me tocar, inclusive o negro delicioso que me usava naquele instante retirou com pressa seu mastro afiado, destroçando o que restara da minha última prega de estimação.

Comandante juntou-se a nós. Seus cadetes voltaram a rodear um Fons baqueado. Porta e Barriga permaneceram grudados na entrada do salão. Urso Velho iniciou uma punheta e foi logo seguido por seus companheiros.

Meu rosto foi virado à esquerda com deliciosa agressividade. Ursinho se masturbava, puxando minha cabeça de encontro aos seus lábios finos. Troquei o beijo mais longo da minha existência.

Com minhas pernas travadas num “V” escalafobético, um oriental parrudo fistava meu cu arreganhado com a complacência de quatro dedos maquiavélicos. Meu rabo era promovido para o *status* de Buraco Negro.

Com diferença de segundos, todos os ursos jorraram o Leite Sagrado sobre mim-eu-mesmo. O êxtase explodia seu alarido, confirmando a merecida vitória. O Prazer assombrava a sala alaranjada. Minha alma foi lavada pela mais pura essência humana: amornada e gelatinosa e profana.

Ursinho parou de me beijar, levantando-se apressado, jorrando seu líquido ralo sobre meu cavanhaque embaraçado. Eu não havia gozado.

Todos se afastaram de mim, exceto um polaco enigmático, compenetrado, dono de músculos cobertos de pelos curtos, pontiagudos, dilacerantes, que com suas mãos incrivelmente belas e suaves moldava minha nova carne em movimentos lentos e circulares, espalhando os litros de sêmen sobre meu peito peludo e minha barriga sem barriga, enquanto minha garganta era açoi-tada por uma cabeçorra melada a aniquilar minhas cordas vocais. Que pica era aquela?

Por causa da massagem robótica, esgotado, nauseado e feliz, quase desmaiei.

* * *

Meu batismo clamava por um banho pérfido.

Meu anseio, enfim, foi atendido.

Porta aconchegou meus restos em seus braços, levando-me para o banheiro iluminado. Olhe para a luz, Caroline!

No caminho, admirei os pelados peludos fumando, uns deitados e outros sentados no chão, ainda em transe, espalhados pelos cantos da masmorra.

Ursinho esparramou suas gorduras enlameadas sobre o altar onde eu havia sido devorado nas últimas horas. Ele manipulava os próprios mamilos, a boca a gemer frases quebradas em alemão.

Barriga entrou conosco no banheiro. Sentou na privada amarela sobre o tampo de cor rosa, enquanto Porta me presenteava um trato todo especial.

Suas mãos ensaboavam minha carne amaciada e sua boca fazia maravilhas nas redondezas das minhas orelhas alertas. Seus carinhos encantaram minha língua e prontamente retribui seus beijos.

Um arisco bigode molhado fazia cócegas sobre minhas dez faces, provocando arrepios e contrações na minha boca mimada.

Porta conduziu com ternura minha mão direita, fazendo-a agarrar seu sexo. A barra de aço era monstruosa de tão linda. Entendi o significado oculto entre o Belo e a Fera.

A circunferência e a rochosidade eram tão desconcertantes, que destilei um pânico visível ao imaginar meu buraco flácido e estropiado ser penetrado debaixo da chuva fria. Por sorte ou azar, Porta não dava sinais de querer me possuir ali.

Continuamos nossos beijos. Ele forçou minha cabeça em direção ao seu sexo. Com dificuldade constrangedora, abocanhei a tora menos que a metade, abrindo o máximo de passagem que meu maxilar aguentava. O gosto daquele membro era especial. A água abrandava os limites. Aos poucos eu fazia sumir e reaparecer a segunda torre.

Eu chupava Porta e Barriga socava sua punha, algumas vezes empurrando o caralho nos arredores da minha boca pingante, buscando uma fresta na fodaria, sorrindo com malícia para mim-eu-mesmo.

Porta puxou minha cabeça, fazendo com que eu elevasse minha língua pelo caminho da felicidade até encontrar novamente sua boca de dentes amarelos e seu bigode em tons alourados.

Virou o enorme armário em direção da parede, abrindo com as mãos as nádegas rosadas. Lubrifiquei meu sexo com o sabão lázuli. Sem barreira alguma adentrei na penumbra do seu interior sulista.

Barriga calculou o terreno e procurou o caminho certo para encaixar-se em mim. O sanduíche entre sarristas pecadores estava muito bem formatado. Três ursos unidos em sincronia dentro de um mísero metro quadrado. Os pelos loiros, negros e grisalhos contrastavam com o tom de nossas peles brancas e rosadas e tostadas.

Após vinte e tantos minutos, retiramos nossos sexos de nossos corpos. Trocamos um beijo triplo, enroscando nossas línguas numa trança que se opunha à razão. Ejaculamos sincronizados. Arrebatados, apreciamos nossos lindos filhos aleatórios escorrendo pela imunda parede quadriculada.

* * *

Barriga e Porta me deram carona em seu caminhão até meu destino final.

Adormeci no ombro direito de Barriga. Porém, sua barba estranha produzia inúmeras cócegas em meus arredores, despertando-me em ligeiros sobressaltos durante boa parte do trajeto.

Invadimos uma Pomeroh dorminhoca quatro minutos depois das seis da manhã. Na frente de uma simples pousada, onde notáramos que não havia ninguém visível na recepção, antes de abandonar o International vermelho-estou-aqui-e-sai-da-frente, troquei um longo abraço-urso com meus novos amigos-amantes. Eles seguiriam viagem até Portelo, a trocentos quilômetros de onde estávamos.

Barriga entregou-me um cartão da empresa na qual prestavam seus serviços, onde no verso havia anotado os números telefônicos do casal peludo.

Ao descer até a calçada e me aprumar para a realidade de mais um dia igual ao outro, Porta atropelou seu amado, esticando o braço para fora da cabine, entregando-me também outro cartão junto com minha mochila. Nele estava impresso uma espécie de código.

“Os primeiros números indicam as datas em que nos encontramos no ‘clube’”, disse Porta, o Sorriso Escancarado.

“E logo abaixo está o *e-mail* do chefe... para confirmação da sua presença em nossas reuniões”, emendou Barriga, e um maravilhado sorriso cretino invadiu aqueles rostos talhados pelo Tempo.

Sussurrámos um adeus com uma viril troca de olhares satisfeitos, aenos triunfantes e sorrisos sinceros.

Entrei na pousada e vi um querubim alemão cochilando atrás do balcão de granito. Um toque sonoro com a palma da minha mão sobre uma pilha de papéis o fez despertar dos seus sonhos eróticos. Enquanto eu preenchia o cadastro da minha curta permanência no local, o impaciente loiríssimo aguardava para me entregar as chaves do quarto.

“Preciso tomar um banho e descansar um pouco. Fiz uma longa viagem”, eu disse ao recepcionista, procurando engatar um pouco de papo normal.

“Vou tirar uma breve soneca. Você poderia me acordar por volta das sete e meia, quinze paras as oito?”, demonstrei meu melhor sorriso ao sonolento prestador de serviços. Um sinal de positivo foi tudo o que recebi em troca, seguido de um sorriso jocosos, plugado no automático.

Ao entrar no quarto simples e aconchegante, depusitei minha molenga mochila sobre a cama dura. Permiti o despencar do meu novo corpo sobre o convidativo colchão de molas.

Encarando meu Motorola, confirmei que havia setecentas mil mensagens desesperadas do tipo “Porra, onde está você?”. Imaginei a estampa de um “Eu não disse que ele não vinha?” grudada na odiosa fuça cenoura de Henrich.

Tirei do bolso do meu agasalho os dois cartões que me foram entregues pelos endiabrados anjos peludos. Notei uma textura discreta no cartão que Porta havia me dado. O relevo tinha a forma de uma pata de urso. Sorri em silêncio, relembrando os momentos vividos durante a exótica madrugada.

* * *

Setembro. Confiro a data de uma nova reunião.

Quem será a próxima vítima?

Logo, logo, eu vou descobrir.

Já que agora eu faço parte, com orgulho,...

... do Clube dos Ursos.



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
